



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**



DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA E DESENVOLVIMENTO RURAL

PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS

LABORATÓRIO DE COMERCIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR –
LACAF / CCA/ UFSC

ALTERNATIVAS À ATIVIDADE DO FUMO NO LITORAL DO ESTADO DE SANTA CATARINA

Coordenação/Responsável: Oscar José Rover
(LACAF/CCA/UFSC)

Responsável pelos trabalhos de campo: Tânea
Mara Follmann

Revisão: Sergio Luis Boeira (CSE/UFSC)

Outubro de 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ZOOTECNIA E DESENVOLVIMENTO RURAL
PROGRAMA DE POSGRADUAÇÃO EM AGROECOSSISTEMAS
LABORATÓRIO DE COMERCIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR

Título: Alternativas à atividade do fumo no Litoral do estado de Santa Catarina

Relatório Final Projeto “Pesquisa e acompanhamento para viabilidade de alternativas produtivas e comerciais à atividade do fumo na região Litoral Catarinense”, Termo de Cooperação entre Ministério Desenvolvimento Agrário/SAF e UFSC n° 55000.002057/2012-87.

Coordenação: Oscar José Rover

Responsável pelos trabalhos de campo: Tânea Mara Follmann

Revisão: Sergio Luis Boeira

Outubro de 2015

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
A MICRORREGIÃO DE TIJUCAS	5
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	9
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	12
1. Tempo na atividade.....	12
2. Motivações para sair do tabaco	14
3. Rendas.....	15
4. Dependência	24
5. Comercialização e distância dos centros urbanos	29
6. Satisfação com a atividade e renda.....	32
CONCLUSÕES.....	35
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICES	40
APÊNDICE 01: Roteiro de inventário para as unidades de produção	40
APÊNDICE 02: Modelo de controle de entradas e saídas financeiras utilizado com as famílias	44

INTRODUÇÃO

Este relatório é o resultado da pesquisa desenvolvida no ano agrícola de 2013/2014, na microrregião de Tijucas – SC. A pesquisa foi financiada pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA e foi desenvolvida pelo Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO). O projeto **“Pesquisa e Acompanhamento para Viabilidade de Alternativas Produtivas e Comerciais à Atividade do Fumo na Região Litoral Catarinense”** foi uma das ações incentivadas pelo MDA para a geração de referencial técnico acerca da cadeia produtiva do tabaco (fumo) e das alternativas produtivas a ele, a fim de contribuir com a implementação do Programa Nacional de Diversificação Produtiva das Áreas de Tabaco. Este relatório refere-se à meta II do projeto submetido e aprovado pelo Ministério, a qual teve por **objetivo** “comparar resultados econômicos entre a fumicultura e outras atividades dos agricultores familiares da região Litoral Catarinense”. As **atividades escolhidas para a comparação com o fumo** foram a olericultura e a fruticultura, sejam produzidas por métodos orgânicos ou convencionais. Ao longo da pesquisa **se avançou para além dos dados econômicos** e se identificou a relevância de componentes como a motivação dos agricultores para sair ou permanecer no fumo, sua autonomia nos processos produtivos e organizativos, e sua satisfação com a principal atividade que desenvolvem atualmente.

As próximas páginas apresentam os resultados da pesquisa e análises que têm a finalidade de contribuir com o conjunto de esforços que procura na realidade dos agricultores explicações para sua continuidade na produção do tabaco, assim como motivações para sua diversificação produtiva ou mudança para outras atividades. O Laboratório de Comercialização da Agricultura Familiar (LACAF/UFSC), assim, coloca este relatório de pesquisa a serviço dos interesses do público catarinense, em especial, acreditando-se que nele haja ponderações úteis para reflexões que transcendem à realidade de Santa Catarina. Espera-se contribuir com as reflexões gerais em torno da problemática da produção do tabaco e suas alternativas.

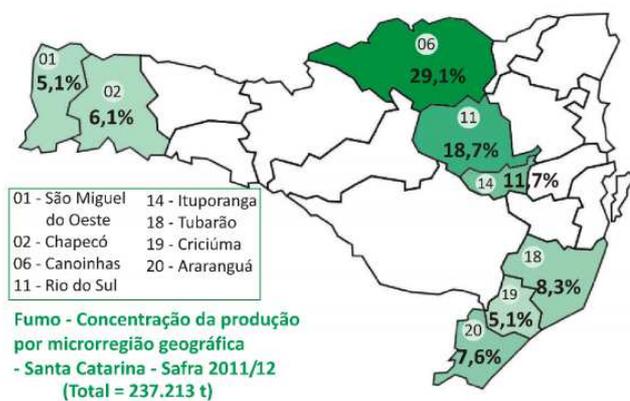
A MICRORREGIÃO DE TIJUCAS

Do Litoral Catarinense foi escolhida a microrregião de Tijucas para se avançar com a pesquisa de campo. Esta microrregião tem sua economia marcada pela presença do tabaco, e por isso foi foco de estudo deste projeto. Composta por sete municípios (Angelina, Canelinha, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, São João Batista e Tijucas), a Microrregião de Tijucas possui área territorial total de 2.127,6 Km² e, junto com a microrregião do Tabuleiro e de Florianópolis, compõem a Mesorregião de Florianópolis. De acordo com informações divulgadas pelo Censo Demográfico de 2010, a população da microrregião corresponde a 93.037 habitantes, onde a população urbana corresponde a 70.063 habitantes (75,3%) e a população rural a 22.974 habitantes (24,7%) – (IBGE, 2010).

Existem registros de que desde o processo de colonização de Santa Catarina, a produção de fumo na microrregião está presente. O movimento colonizador, em sua maioria formado por agricultores, presente no Vale do Rio Tijucas em meados do século XIX, foi responsável pelo fornecimento de produtos agrícolas de excelência para as populações urbanas e para a exportação. Dentre os produtos fornecidos destacavam-se as culturas da uva, do milho, da amora, do arroz e do fumo. O fumo era produzido para ser transformado em fumo de corda, ou “rapé”, que nada tem a ver com o sistema com que o fumo é produzido atualmente (PIAZZA, 1982, p. 139).

Atualmente o tabaco é produzido na região com base na mão-de-obra familiar e em pequenas propriedades rurais, refletindo a realidade nacional. No ano de 2012 a área plantada de tabaco na microrregião foi de 2.931 ha, alcançando produção de 6.031t. de tabaco. Com estes dados, a Microrregião de Tijucas não ganha expressividade pela quantidade produzida, sendo superada por outras microrregiões do Estado, as quais obtiveram melhores índices, conforme pode ser observado no mapa (Figura 1), que demonstra a concentração da produção estadual por microrregião.

Figura 1: Concentração da produção fumo por microrregião de SC - safra 2011/2012



Fonte: Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola (EPAGRI/CEPA, 2013)

Apesar de não ser destaque quanto à produção total de tabaco, um comparativo realizado pelo Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Cepa, demonstra que a Microrregião é destaque pelos seus altos índices de produtividade (tabela 01), com o quinto maior índice do Estado no ano de 2012, com 1.902 Kg/ha, e o segundo maior em 2013, com 2316 kg/ha.

Tabela 01: Comparativo de safras de fumo por microrregião de Santa Catarina – 2010 /2013

Microrregião geográfica	Área plantada (ha)				Produção (t)				Rendimento médio (kg/ha)			
	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾	2010	2011	2012	2013 ⁽¹⁾
São Miguel do Oeste	8.807	8.840	8.012	7.795	13.824	16.255	12.088	14.584	1.570	1.839	1.367	1.820
Chapecó	10.487	9.287	8.618	8.448	17.642	16.254	14.355	15.342	1.682	1.750	1.546	1.780
Xanxerê	1.657	1.740	1.556	1.501	3.204	2.824	2.592	2.912	1.934	1.623	1.490	1.871
Joaçaba	1.051	1.393	1.173	908	1.743	2.302	1.782	1.487	1.658	1.653	1.279	1.268
Concórdia	398	617	277	238	660	1.045	496	392	1.658	1.694	804	1.415
Canoinhas	30.061	33.907	30.039	32.420	72.570	71.068	68.953	74.644	2.414	2.096	2.034	2.485
São Bento do Sul	1.042	859	765	825	2.200	1.726	1.537	1.577	2.111	2.009	1.789	2.061
Curitibanos	814	820	689	650	1.450	1.349	1.059	1.176	1.781	1.645	1.291	1.707
Campos de Lages	988	1.040	978	910	1.889	1.931	1.801	1.602	1.912	1.857	1.732	1.638
Rio do Sul	17.933	21.259	21.198	20.568	37.543	44.635	44.324	42.724	2.094	2.100	2.085	2.015
Blumenau	739	874	791	571	1.512	1.668	1.611	1.277	2.046	1.908	1.843	1.614
Ituporanga	14.431	14.450	13.140	12.600	30.010	31.265	27.840	25.455	2.080	2.164	1.927	1.937
Tijucas	2.784	3.171	2.931	2.926	5.594	6.509	6.031	6.789	2.009	2.053	1.902	2.316
Tabuleiro	897	897	1.372	1.372	1.744	1.744	3.004	3.004	1.944	1.944	3.349	2.190
Tubarão	10.187	10.600	9.450	9.160	16.858	20.745	19.773	20.155	1.655	1.957	1.865	2.133
Criciúma	7.892	7.535	6.365	6.268	12.974	15.398	11.996	12.136	1.644	2.044	1.592	1.907
Araranguá	16.120	16.953	10.920	9.900	24.542	25.047	17.960	19.202	1.522	1.477	1.059	1.758
Santa Catarina	126.298	134.248	118.280	117.060	245.979	261.776	237.213	244.458	1.948	1.950	1.767	2.067

⁽¹⁾ Dados preliminares, sujeitos a alterações.

Fonte: Adaptado de Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – EPAGRI/CEPA, 2013.

Outra característica de destaque na região é a presença da Rede Ecovida de Agroecologia, que por meio de sua atuação incentiva agricultores a adotarem o sistema de produção agroecológico e promove a inserção destes em um coletivo de agricultores. A Rede Ecovida de Agroecologia é uma rede que se organiza em prol do desenvolvimento e promoção da agroecologia, desde a produção até o consumo dos seus produtos, e é bastante expressiva na promoção da agroecologia do Sul do Brasil. Para se ter uma ideia, em Santa Catarina, conforme dados de Zoldan e Mior (2012), a Rede Ecovida era responsável por 52,6% dos produtos certificados do estado em 2010. Como a obrigatoriedade da certificação no Brasil ocorreu apenas a partir de 2011, e como a Rede Ecovida resistiu à exigência da certificação, acredita-se que o percentual atual de participação desta rede na certificação orgânica possa ser ainda maior. Organizada por agricultores familiares, técnicos e consumidores, ela possui gestão descentralizada, baseada em seus núcleos regionais. A certificação agroecológica dos seus produtos é feita de forma participativa entre os membros da Rede¹.

Dentre as organizações vinculadas à Rede Ecovida está o Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO), que atua na região, nos centros

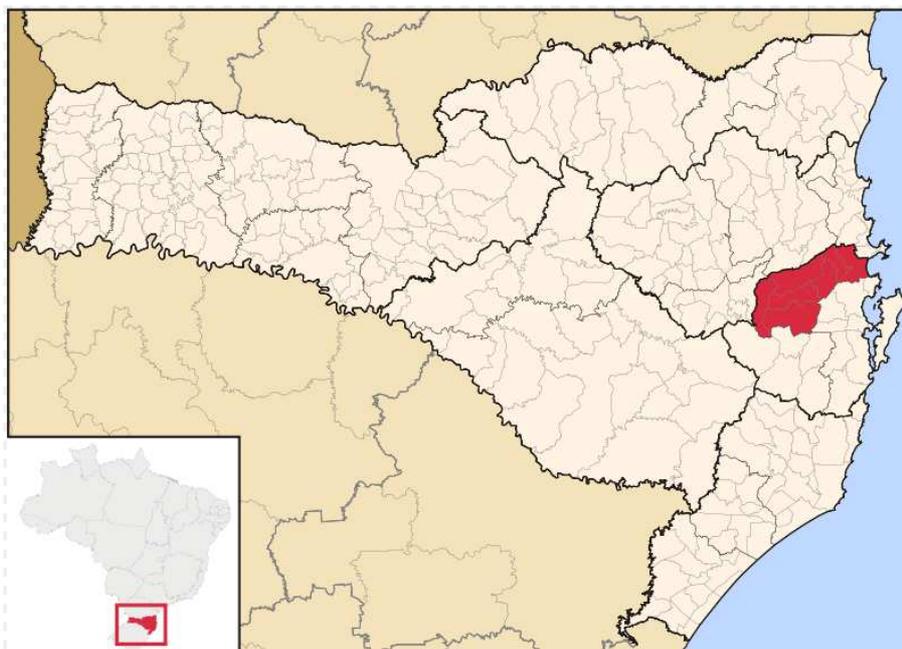
¹ Detalhes podem ser vistos em <http://www.ecovida.org.br/>; Rover (2011); Rover; Lampa (2013).

urbanos e territórios rurais, trabalha em prol da organização de redes produtivas locais, bem como na criação e implementação de políticas públicas que favoreçam a agricultura familiar. Uma das ações do Cepagro na região tem sido o incentivo à diversificação produtiva das áreas de tabaco, para a constituição de sistemas produtivos diversificados, visando um novo modelo de desenvolvimento rural. A microrregião de Tijucas é importante foco de atuação do Cepagro, na qual o mesmo funciona como importante elo de ligação entre a Rede Ecovida de Agroecologia, que atua em toda região Sul do Brasil, e os agricultores orgânicos ou em conversão.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta pesquisa foi desenvolvida no estado de Santa Catarina, nos municípios de Angelina, Leoberto Leal, Major Gercino e Nova Trento, localizados na microrregião de Tijucas (Figura 2). Os quatro municípios são limítrofes e apresentam características produtivas semelhantes. A escolha destes municípios ocorreu em função de sua inserção numa região com forte presença do tabaco e que também apresenta iniciativas de diversificação produtiva, inclusive de base agroecológica, onde além da inserção das empresas fumageiras existe a atuação de atores como CEPAGRO e Rede Ecovida de Agroecologia.

Figura 2: **Localização da Microrregião de Tijucas/SC**



Fonte: Adaptado de Wikimedia Commons, 2013.

A meta II deste projeto previa a realização de comparativo econômico entre a fumicultura e outras atividades produtivas da região, que se caracterizassem como alternativas a ela. Desta forma, o comparativo foi realizado entre a atividade do tabaco, olericultura e fruticultura.

Para o comparativo foram selecionadas propriedades que conduzam o cultivo do tabaco no sistema de produção convencional, e propriedades rurais que trabalham no sistema de produção convencional e propriedades que adotaram o sistema de produção orgânico. Serão consideradas como de produção orgânica as propriedades reconhecidas com a certificação de produto orgânico, ou que estejam em fase de “conversão” para a produção orgânica (BRASIL, 2011).

As propriedades foram mapeadas juntamente com o CEPAGRO, pelo seu conhecimento e atuação na microrregião, sem que estas estivessem necessariamente vinculadas à organização, e com os agricultores que também fizeram indicações de propriedades ou se colocaram à disposição para participar da pesquisa. O critério de seleção das propriedades seguiu alguns indicadores de produção, de modo a contemplar as diferentes realidades produtivas das propriedades como: localização, tamanho de propriedade e mão-de-obra disponível. Foram selecionadas 15 propriedades rurais, as quais atendem à seguinte distribuição:

- ✓ 03 propriedades rurais que trabalhem com a fumicultura;
- ✓ 03 propriedades rurais que trabalhem com olericultura convencional e 03 propriedades rurais que trabalhem com olericultura orgânica;
- ✓ 03 propriedades rurais que trabalhem com fruticultura convencional e 03 propriedades rurais que trabalhem com fruticultura orgânica.

O primeiro comparativo econômico foi feito através de um inventário inicial das 15 propriedades, no início do ano agrícola. O roteiro utilizado neste estudo (anexo 01) teve o objetivo de caracterizar as propriedades. Ao final da pesquisa foi montado um inventário final para identificar possíveis mudanças nas propriedades ao longo do ano agrícola estudado.

Junto às informações do inventário também foram comparadas as movimentações, compras ou vendas, que ocorreram em cada propriedade, incluindo gastos com saúde e alimentação. Para tanto, foram elaborados dois materiais para coleta de informações de entradas e saídas financeiras (anexo 02), junto aos quais cada família anexou as notas fiscais ou comprovantes de gastos ou receita, ao longo do ano agrícola.

Para complementar as informações econômicas também reunimos algumas percepções dos agricultores acerca das suas atividades e do território em que vivem. Para a coleta destas percepções foi utilizado o método de entrevistas semiestruturadas que, de acordo com Quivy e Campenhoudt (1988), é adequado para a análise do sentido que os atores dão às suas práticas, bem como às suas interpretações a respeito de suas próprias experiências e de situações conflituosas. Os agricultores foram entrevistados para que expusessem suas percepções em relação às atividades que desenvolvem nas propriedades e à realidade em que estão inseridos, e como percebem o processo de efetivar a diversificação produtiva de seu território rural em detrimento da especialização produtiva do tabaco. O intuito das entrevistas é contribuir na identificação e análise dos entraves e dos potenciais existentes, nas unidades produtivas e no território, para que a diversificação à produção de tabaco seja implementada.

É importante salientar que todas as informações acerca dos dados econômicos desta pesquisa foram previamente registradas pelos próprios agricultores, a partir de orientação recebida dos pesquisadores, e fornecidas por eles a estes pesquisadores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

1. Tempo na atividade

Os entrevistados, divididos de acordo com as atividades produtivas desenvolvidas, foram questionados em relação ao tempo (anos) que se dedicam à sua atividade atual, ao tempo que dedicaram ao cultivo de tabaco em sua propriedade e sobre a atividade produtiva dos seus pais. Todos os agricultores que participaram da pesquisa declararam que possuem a posse da sua unidade produtiva e que, apesar de alguns terem trabalhado fora da propriedade por determinado tempo, sempre foram agricultores.

Todos os fumicultores desenvolvem a atividade desde criança e seus pais já desenvolviam a atividade. De acordo com as falas dos entrevistados, este parece ser um aspecto bastante relevante, de motivação, para o desenvolvimento da atividade:

“Tem que perguntar pro meu avô, planto por causa da tradição. Nada mais dá de produzir, é uma região boa pro fumo”.

Entre os olericultores e fruticultores (12 propriedades), sete desenvolveram a atividade do tabaco na sua propriedade rural antes de mudar de atividade. Assim como o tabaco, a fruticultura também é desenvolvida há bastante tempo na região. Dois fruticultores, dos seis entrevistados, sempre desenvolveram a atividade em sua propriedade, a “herdaram” de seus pais e nunca cultivaram o tabaco.

Já a olericultura² é uma atividade mais recente na região, sendo desenvolvida há apenas cinco anos. Apenas um dos olericultores nunca plantou fumo em sua propriedade rural, todos os outros migraram da atividade do tabaco para a olericultura, e um olericultor ainda mantém uma área de cultivo do tabaco em sua propriedade. Estas informações podem ser visualizadas no quadro 01:

² Área da horticultura que abrange a exploração de hortaliças e que engloba culturas folhosas, raízes, bulbos, tubérculos, frutos diversos e partes comestíveis de plantas.

Quadro 01: Tempo de desenvolvimento da sua atividade, período de dedicação ao tabaco e atividade dos pais.

		Atividade atual (anos)	Tabaco (anos)	Atividade dos pais
FRUTI. ORGÂNICA	<i>Fruticultor 1</i>	12	30	fumo
	<i>Fruticultor 2</i>	26	25	fumo
	<i>Fruticultor 3</i>	25	nunca	-
FRUTI. CONVENCIONAL	<i>Fruticultor 1</i>	1	3	fumo
	<i>Fruticultor 2</i>	sempre	nunca	uva
	<i>Fruticultor 3</i>	sempre	nunca	uva
OLERIC. ORGÂNICA	<i>Olericultor 1</i>	1	nunca	uva/fumo
	<i>Olericultor 2</i>	3,5	11 (2 anos tabaco org.)	fumo
	<i>Olericultor 3</i>	5	30	fumo
OLERIC. CONVENCIONAL	<i>Olericultor 1</i>	4	18	fumo
	<i>Olericultor 2</i>	1	30	fumo
	<i>Olericultor 3</i>	1	Sempre (até hoje)	fumo
FUMICULTURA	<i>Fumicultor 1</i>	sempre	Sempre	fumo
	<i>Fumicultor 2</i>	sempre	Sempre	fumo
	<i>Fumicultor 3</i>	sempre	Sempre	fumo

Fonte: Dados de campo.

Um dos agricultores que hoje produz olerícolas trabalhou com o tabaco por 11 anos, sendo os dois últimos anos com tabaco orgânico. De acordo com este agricultor, o preço pago pelo fumo orgânico era muito bom, porém a doença da folha verde, que provoca enjoos e tonturas, também conhecida entre os agricultores como o “porre de fumo”, era muito mais intensa

“Parei porque fazia muito mal pra saúde, primeiro ponto. Intoxicou bastante, várias vezes, e esposa também. Mal do fumo verde, até porque a gente plantou dois anos fumo orgânico, depois, no final, e daí é que piorou. Daí ele era mais forte ainda, no terceiro ano fizemos pedido e demos pra trás, tinha feito o pedido, capinamos as mudas e tudo, “paguemo” o pedido, o

pedido seria óleo de neem³ e esterco de galinha, né? E daí a gente não plantou mais. O porre era pior, do fumo verde. O fumo era comprado por uma empresa que hoje é a GTI, muito valorizado, 100%. O preço era bom”.

Ressalta-se que não é apenas esta família agricultora que teve a saúde como motivador para deixar de produzir o tabaco.

2. Motivações para sair do tabaco

Foi demonstrado anteriormente que apenas três dos quinze entrevistados nunca produziram tabaco em suas propriedades. Os demais, questionados sobre as motivações que os levaram à migração de atividade produtiva ponderaram várias questões, entre elas aparecem como principais aquelas vinculadas a problemas de saúde causados pelo fumo, à forte exigência de mão de obra pela atividade, assim como a necessidade de investir em outras atividades para dar mais segurança, com renda mais estável à família. As falas a seguir são expressivas destas questões:

- A questão da saúde:

Parei porque fazia muito mal pra saúde, primeiro ponto. Intoxicou bastante, várias vezes. Esposa também.

Paramos por causa de doença [...] comecei a pensar assim sozinha, se é pra plantar fumo e ficar um enjoado pra lá, esse aqui na cama enjoado, eu ia pra estufa ajudar a trabalhar e eu como mãe ver a filha caída de um lado enjoando, a outra caindo do outro lado enjoando, é isso que tu quer pra tua vida? [...]

- A questão da mão de obra escassa:

Parei porque a gente não tinha mão-de-obra, tinha que pagar muito pra colher, né?. E produzir pouco fumo também não adianta, tem que produzir muito. Daí resolvi mudar pra verdura.

³ Inseticida natural usado e permitido na agricultura orgânica.

Um pouco por causa da mão-de-obra, duas pessoas sozinhas não têm como tocar, né? A gente foi se adaptando a outro tipo de atividade, e daí a gente conseguiu sair. Mas assim, as coisinhas que a gente conseguiu foi com fumo, daí hoje a gente vive só pra manter assim. Fomos reduzindo e já nos encaixamos no eucalipto, na banana, nos doces e salgados.

- A necessidade de desenvolver outra atividade:

Deixamos pela necessidade de ter a produção de alimentos. Por causa da indústria aqui (conservas), nós começamos a plantar as verduras juntos (verduras e fumo). As produções do inverno nós conseguia conciliar com o fumo, mas nós precisava plantar (sic) e colher o pepino, a vagem, e junto com o fumo não dava. Daí nós optamos, em vez de produzir o fumo que ninguém come, produzir o alimento que nós achamos que nos tava fazendo uma coisa certa.

Ainda e em um dos casos, um membro da família intoxicou-se com fumo e passou a se dedicar à verdura, porém a produção de tabaco continua na propriedade. Outra família deixou o tabaco porque o marido machucou-se. O resultado obtido com a olericultura convencional não satisfaz a família, que indicou o desejo de voltar a produzir tabaco.

3. Rendas

Entre as motivações para o cultivo do tabaco, um argumento forte e recorrente entre agricultores é a renda obtida com a cultura, além da tradição familiar. Ambos estão presentes nos depoimentos dos fumicultores:

“O meu marido já plantava (fumo), daí eu casei e fui plantar junto, né? Não tinha outra coisa, na época era exclusivo o fumo. Naquela época, eu não trabalhava, assim, não ganhava dia fora ,

era só aquilo ali...daí hoje a gente já faz um biquinho aqui, às vezes lá uma ou outra coisinha”.

“Tem que perguntar pro meu avô. Por causa da tradição, nada mais dá de produzir, é uma região boa pro fumo”.

“Rende um bom dinheiro por hectare. Não tem nada hoje, alguma coisa, que rende tanto por ha. A gente sabe fazer, e na verdade não é um serviço difícil de fazer hoje. Tu vai ali, passa um veneno de sementeira, planta e depois tu vai, põem um material nele pra ele ter um portezinho assim, às vezes passa o boi pra encostar um pouco de terra e só vai colher daí”.

Para incentivar agricultores a diversificarem suas propriedades rurais ou até a deixarem a atividade do fumo é necessário que as novas atividade a serem desenvolvidas também sejam economicamente viáveis e possam garantir a renda familiar. Assim, buscou-se estabelecer um paralelo entre as atividades da fumicultura, olericultura e fruticultura (estes últimos em manejo orgânico e convencional) para visualizar as diferenças em rendas. Para tanto, foi realizado o levantamento de receitas e despesas das famílias e, para tornar a comparação possível, foi calculada a renda por hectare de cada família.

O paralelo entre as rendas está na tabela 02, porém é importante alertar que as rendas aí expostas são restritas às atividades da olericultura, da fruticultura e do tabaco, não representam a diversidade de rendas presentes na maioria das propriedades estudadas, que são mais diversificadas quanto às entradas financeiras. Outros componentes da formação da renda familiar apareceram durante o estudo, seja através de formas de pluriatividade de membros das famílias, venda de produtos como leite e derivados, ou ainda, a aposentadoria de algum membro familiar.

Tabela 02: Comparação entre as rendas por hectare ano

	Renda Bruta (R\$)	Despesas* (R\$)	Renda líquida/ano	Área da atividade principal (ha)	Renda líquida/ha/ano
FRUTICULTURA ORGÂNICA	17.504,36	1992	15.512,36	5	3.102,47
	28001,6	17186,31	10.815,29	3	3.605,10
	2.617,00	909,6	1.707,40	3	569,13
FRUTICULTURA CONVENCIONAL	3.500,00	1430	2.070,00	0,7	2.957,14
	82.000,00	52100	29.900,00	4,5	6.644,44
	14.093,33	3225,5	10.867,83	2	5.433,92
OLERICULTURA ORGÂNICA	5.304,00	738,5	4.565,50	1	4.565,50
	125.635,74	10872	114.763,74	2	57.381,87
	26.142,04	1804,26	24.337,78	0,5	48.675,56
OLERICULTURA CONVENCIONAL	46.606,50	10260	36.346,50	12	3.028,88
	14.273,14	2630	11.643,14	1	11.643,14
	12.696,30	4920	7.776,30	1	7.776,30
FUMICULTURA	39.298,89	18464,36	20.834,53	2,4	8.681,05
	180.180,00	37052,00	143.128,00	7	20.446,86
	86.000,00	17690,56	68.309,44	4	17.077,36

Fonte: Dados de campo.

* Despesas= Insumos (sementes/mudas+ agrotóxicos+ adubos)+mão de obra+ energia elétrica.

A tabela 02 chama à atenção quanto à grande variação entre as rendas líquidas por hectare entre as diferentes atividades, dentro de uma mesma atividade e, ainda, dentro de uma mesma atividade que tem produção orgânica ou convencional. Isto se deve a vários fatores, tanto internos a cada unidade de produção, quanto contextuais do território estudado. Os principais elementos contextuais apontados pelos agricultores se referem a carência de assistência técnica, de suporte para investimentos ou de acesso a canais favoráveis de comercialização. Quando se observa a atividade do fumo e se entrevista os agricultores que com ele trabalham, se verifica que as variações são mais de ordem interna a cada unidade de produção, visto que as empresas garantem suporte técnico e a compra do produto final, assim como já possuem canais para financiamento da atividade. Já os que desenvolvem outras atividades, especialmente sob base orgânica de produção, deixam claro que suas dificuldades estão ligadas a este novo modo de produzir, ao conhecimento e aplicação de técnicas agroecológicas rentáveis. Observe-se que no quadro 01 há fruticultores orgânicos que afirmam desenvolver a atividade há mais de duas décadas ou desde sempre, mas sobre isto querem dizer que a fruticultura está presente na unidade de produção há muito tempo, mas não como um modo de produção orgânico, certificado e voltado para o mercado. Quando tratam desta última perspectiva remetem aos limites acima apresentados.

Outrossim, se observa na tabela 02 que na olericultura, seja convencional ou orgânica, há agricultores com boas rendas líquidas por hectare, que superam aquela do fumicultor de maior renda e volume de produção. Como alguns agricultores não fumicultores, especialmente os orgânicos, possuem uma renda líquida bastante expressiva, acredita-se que suportes institucionais e uma verdadeira vontade de apoiar a transição agroecológica poderiam fazer diferença no avanço à diversificação das áreas de produção do tabaco. Estudos, que aprofundassem a compreensão dos casos de sucesso, e ações que auxiliassem a disseminação das boas práticas destes casos, certamente fariam diferença no processo de diversificação e/ou substituição do tabaco.

Por outro lado, para aqueles agricultores têm a renda anual significativamente menor que outros de “sua categoria”, conforme se observa na tabela 02, pode-se buscar uma explicação dentro do contexto específico de cada família e propriedade:

- o fruticultor orgânico com renda de R\$ 569,13 tem um pomar de peras de uma variedade não bem aceita para consumo *in natura*, sendo mais procurada para doces e

geleias. Sua venda é feita principalmente na porta de casa e para intermediários, e não é determinada com antecedência. A renda oriunda desta pera não é a única e nem principal atividade desta família, que é a única propriedade orgânica naquela comunidade, e encontra dificuldade para acesso, transporte e comercialização.

- o fruticultor convencional e o olericultor orgânico, com rendas de R\$ 2.957,14 e R\$ 4.565,50, são duas propriedades que estão no seu primeiro ano de plantio (ver quadro 01), enfrentaram um ano com grandes perdas em função da neve que se abateu sobre a região, e depois em função da seca.

“Mas ainda não conseguimos larga escala, viemos pra cá fim de ano, ainda não conseguimos fazer uma plantação, assim, maior. Na verdade a gente plantou várias coisas de experimento, junto. Pra ver o que saía mais, o que dava, a colheita na época certa pra eu mesmo levar a colheita pro Box⁴”.

- os olericultores convencionais também são discrepantes entre si, caracterizam-se por três formas distintas de trabalhar. No caso do primeiro olericultor, com 12ha, a renda/ha é muito baixa em relação aos demais. Este agricultor tem como única fonte de renda a olericultura convencional, e como único ponto de venda a CEASA que pratica preços muito baixos.

“Não existe preço, preço quem faz é quem vem comprar dentro do CEASA, né? Se tem sobra, eles colocam o preço lá embaixo, né? Se falta é aquela confusão, correria atrás de produto, né? Eles se organizam, eles chegam no caminhão e dizem, eu posso pagar tanto. Imagina eles são organizados, o colono que não é organizado. O preço é ruim, quando tem bastante mercadoria o preço é terrível, não dá nem pra despesa”.

Apenas os preços de venda não justificam uma rentabilidade por hectare tão baixa (aproximadamente R\$ 3mil/ha), mas é fato que os agricultores convencionais são caracterizados como tomadores de preço (no sentido que não têm capacidade de bancar

⁴ O Box é um projeto de comercialização de alimentos orgânicos em atacado, que funciona na CEASA (Central de Abastecimento de Frutas, Legumes e Verduras), iniciado pelo LACAF da UFSC e pelo CEPAGRO.

preços superiores aos seus produtos) e no ano agrícola em estudo houve uma baixa geral dos preços dos produtos produzidos por este agricultor.

- Entre fumicultores a renda também variou bastante entre o primeiro fumicultor e os demais, e novamente percebe-se que no primeiro caso os custos de produção são altos em relação aos demais. O primeiro fumicultor paga pela mão de obra, enquanto os demais fazem trocas de dias entre si. Além disso, seu custo com insumos se iguala aos demais, apesar da área cultivada ser menor. Os custos por hectare do primeiro fumicultor (R\$ 7.693,48) são maiores que os custos por hectare dos outros dois (R\$5.293,14 e R\$ 4.422,64). Na tabela 04 estão detalhados os custos de produção totais dos fumicultores.

As unidades de produção familiar crescentemente tem a necessidade de utilizar máquinas e equipamentos motomecanizados para substituir a mão de obra que vêm perdendo, seja da família, seja da possibilidade de contratação na comunidade, ou município. Na tabela 03 são apresentados os custos com máquinas e combustíveis nas diferentes unidades de produção.

Tabela 03: Comparativo de gastos anuais com máquinas e combustível.

Atividade	Gastos máquinas R\$ /combustível/ ano	Área da atividade (ha)	Gasto com máquinas/ha
Fruticultor Orgânico	não informou	5	-
	5824,4	3	1941,47
	1224	3	408,00
Fruticultor convencional	6720	0.7	9600,00
	9300	4.5	2066,67
	3813,02	2	1906,51
Olericultor Orgânico	2472	1	2472,00
	20184	2	10092,00
	3740	0.5	7480,00
Olericultor Convencional	1331	12	110,92
	3600	1	3600,00
	6000	1	6000,00
Fumicultor	2754,3	2.4	1147,63
	12000	7	1714,29
	1200	4	300,00

Fonte: Dados de campo.

A irregularidade dos custos com maquinários entre os diferentes agricultores e entre as diferentes categorias (tabela 03) segue o padrão de irregularidade dos demais

custos entre as unidades de produção estudadas. Isto revela a baixa uniformidade de uso de meios e de suporte técnico recebido pelos agricultores. Perceba-se que a variação de custos por hectare e a inexistência de um padrão independe de ser um produtor orgânico ou convencional. Entretanto, ao se cruzar informações da tabela 03 com a tabela 02 se verifica que, para a maioria dos casos, a renda líquida/ha é maior naquelas unidades de produção que possuem um maior custo de maquinários, independente de sua produção ser orgânica ou convencional. Isto sugere que a adoção de uma base técnica motomecanizada, que alivie a carga de trabalho e amplie a capacidade de intervenção humana sobre os processos produtivos, ainda tem espaço no território e nas unidades de produção estudadas.

Na tabela 03 fica evidente o baixo custo com maquinários dos fumicultores. Entretanto, estes produtores têm outros custos de produção que não são menos relevantes, como se pode ver na tabela 04.

Tabela 04: Detalhamento dos custos de produção dos fumicultores.

	Energia Elétrica (R\$)	Mão de obra (R\$)	Mudas (R\$)	Sementes (R\$)	Agrotóxicos (R\$)
Fumicultor 1	917,93	6.720,00	10.826,43*		
Fumicultor 2	7.052,00	troca	5.000,00	20.000,00	5.000,00
Fumicultor 3	8.400,00	troca	9290,56*		

Fonte: Dados de campo.

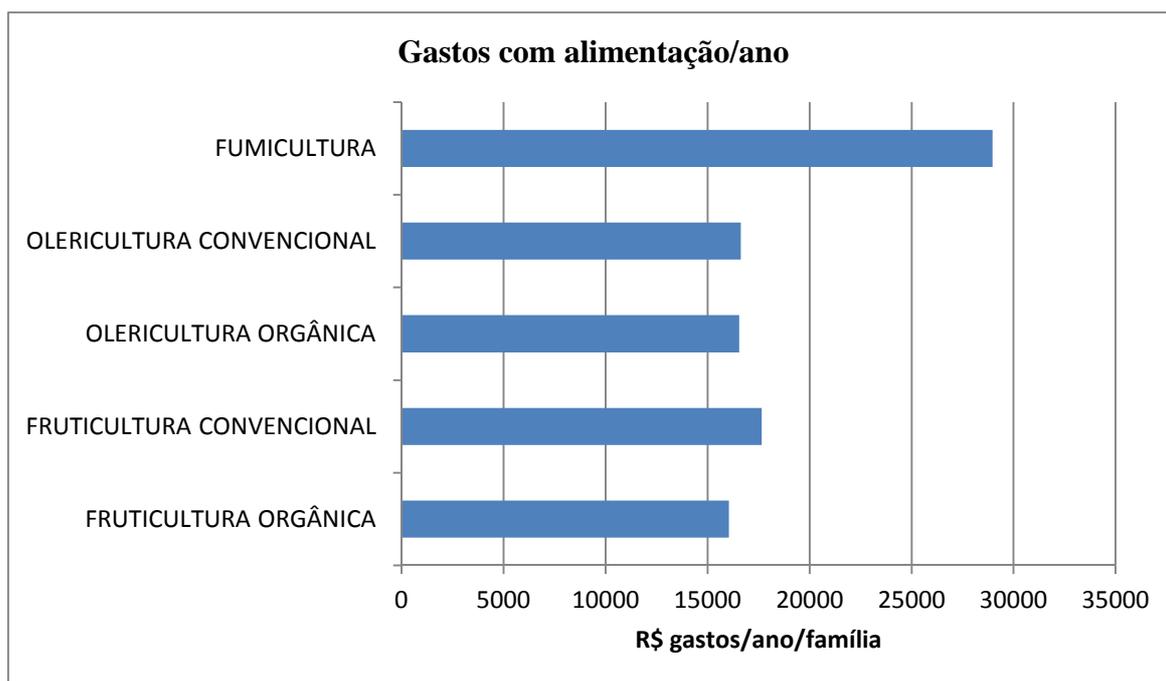
* Os fumicultores 1 e 2 organizaram estas informações de gastos realizando previamente a somatória.

A tabela 04 demonstra que há alguns custos para os quais a fumiicultura tem gastos superiores. Mesmo assim, quando descontados todos os custos e comparadas as renda/ha entre todas as unidades de produção, há uma aparente superioridade dos fumicultores, exceção feita a dois olericultores orgânicos e ao caso do fumicultor 1 (tabela 02). Disto se considera duas coisas relevantes: de um lado, que do ponto de vista da renda líquida/ha a olericultura orgânica pode representar um importante potencial para diversificação ou substituição das áreas de produção de tabaco. De outro, é importante observar que em todos os casos que analisam renda/ha, apresentados neste estudo, as despesas consideram apenas os custos com a produção, não tendo

contabilizados os custos com a saúde e a alimentação das famílias. É de público saber os danos causados pelo tabaco à saúde dos produtores e consumidores (WHO, 2013; BRASIL, 2012; BOEIRA; GUIVANT, 2003). As informações do fluxo de caixa das unidades de produção estudadas demonstram que os gastos anuais com alimentação das famílias fumicultoras são muito maiores que as demais (gráfico 01), o que demonstra que entre os agricultores não fumicultores há uma maior diversificação de atividades.

Fica evidente a necessidade de se complementar estudos relacionando renda líquida/ha com custos de alimentação e saúde das famílias, sejam elas fumicultoras ou não. Por hipótese, dado seu não contato com agrotóxicos, se poderia afirmar que os produtores orgânicos poderiam ser beneficiados num estudo que aprofundasse esta comparação em termos de saúde.

Gráfico 01. Gastos com alimentação (R\$)/atividade/ano.



Fonte: Dados de campo

Outro aspecto importante a ser considerado no comparativo entre as atividades é que, entre os fumicultores, o fumo é a atividade principal desenvolvida na propriedade e a principal fonte de renda, gerando uma certa dependência da atividade, assim como uma única entrada financeira em uma época do ano. Apenas uma família de fumicultores mantém fontes diversificadas de renda ao longo do ano. No que se refere

às atividades geradoras de renda, assim como aquelas para alimentação da família, fica evidente uma maior especialização entre os fumicultores. Isto fez parte da estratégia histórica das empresas fumageiras de exigir que seus integrados se dedicassem de forma integral e especializada à produção do fumo. Isto tem mudado nos últimos anos, com as próprias empresas indicando aos agricultores a importância da diversificação, até para se alinhar a programas públicos que tem estimulado os agricultores a isto, a exemplo do “Programa Nacional de Diversificação das Áreas de Produção de Tabaco”. Porém, a forte exigência de mão de obra no período da safra do fumo é um importante limitante da diversificação.

Entre olericultores e fruticultores as atividades são diversificadas, e apenas uma família de olericultores, com manejo convencional, limita-se à produção de verduras. A diversidade pode ser representada pela venda de milho, feijão, conservas, suco, vinho, farinha de mandioca, açúcar mascavo, mel, leite, pães, ovos, produtos de panificação (doces e salgados). São comuns também as atividades paralelas (na propriedade, sem caráter agrícola, e fora da propriedade) para agregar mais renda. Neste quesito aparecem atividades como faxineira, babá, diarista, costureira, serviços de frete, trabalhos de tratorista, organização de festas, além de duas famílias que possuem atividades paralelas fixas, com carteira assinada.

Quando questionados sobre a atividade principal desenvolvida da propriedade, os agricultores não fumicultores destacaram a sua diversidade de fontes de renda:

“A gente tem três focos, tem que seguir bem, seria: a hortaliça, o leite que não dá pra deixar e a uva. É o que traz renda pra família, todo ano. O suco a gente vende todo ano e do leite faz queijinho, isso dá a renda toda semana, e a hortaliça também é semanal”.

“Minha propriedade é diversificada, agora o forte é orgânico (verduras)”.

“Não dá pra dizer (sobre a atividade mais importante) porque tenho diversas, tenho a renda da banana, do eucalipto. Não tem uma assim... e hoje tem a renda boa da produção (de doces e salgados), mas também não dá pra viver só disso”.

“Seria a farinha, o mel e a pera. Seria os três”.

Apresentados estes relatos se evidencia outra questão muito importante: a opção do estudo em comparar a fumicultura, a fruticultura e a olericultura trouxe em si um problema: o paralelo considerou apenas as atividades citadas e não abarcou a receita total anual destas famílias. Assim, as famílias com atividades mais diversificadas foram prejudicadas quanto aos resultados de nosso estudo, na medida em que o conjunto de sua renda não foi computado para comparação.

4. Dependência

Outro aspecto importante a ser considerado neste estudo é a relação de estabelecida entre os agricultores e a fumageira. Todos os fumicultores entrevistados têm contratos firmados com as empresas, determinando o número de arrobas de fumo que vão produzir no ano. Todos eles adquirem todos os insumos, equipamentos de proteção individual, armários para armazenamento das embalagens de agrotóxico das empresas fumageiras, estabelecem com o elas o seguro da produção, e vendem a ela toda produção. Apenas um fumicultor estabeleceu contrato com duas fumageiras, e com uma delas o período de contrato é para cinco anos.

A restrição de fornecedores, compradores, de produtos e a não possibilidade de beneficiamento da produção, são características diversas àquelas das propriedades de olericultores e fruticultores. Além da diversidade de atividades desenvolvidas nas propriedades, fruticultores e olericultores também não se restringem a um fornecedor de sementes, mudas ou insumos. Alguns produzem suas próprias sementes, mudas e adubos, prezando pela autonomia. A diversidade também está presente nos pontos de venda, consequência da diversidade de produtos e do beneficiamento da matéria prima, conforme quadro 02.

Quadro 02: Comparativo entre número de fornecedores, pontos de venda e beneficiamento da produção entre as atividades:

		ORIGEM DOS INSUMOS	PONTOS DE VENDA *	REALIZA BENEFICIAMENTO
FRUTICULTURA ORGÂNICA	01	Não aplicam nada.	BOX 721 dos Orgânicos no CEASA	Não
			Nas casas dos consumidores	
	02	Composto na propriedade. Ingr. preparados Biodinâmicos: IBD. Agropecuária Santo Amaro.	Em casa ao consumidor	50%
			BOX 721 dos Orgânicos no CEASA	
			IBD**	
	03	Na propriedade.	BOX 721 dos Orgânicos no CEASA	Não
			Em casa ao consumidor	
Intermediários				
PAA***				
		PNAE***		
FRUTICULTURA CONVENCIONAL	01	Agropecuárias de Nova Trento.	Em casa ao consumidor	Não
		Prefeitura (esterco).	PNAE***	
			Cooperativa de Nova Trento - Coopertrento	
	02	Agropecuárias de Nova Trento.	Em casa ao consumidor	100%
		Para vinho: Videira, SP e Itajaí	Supermercados	
		Embalagens: Indaial.		
	03	Produz na propriedade	CEASA	Não
			Intermediários	
Em casa ao consumidor				
PNAE***				

Continuação quadro 02:

		ORIGEM DOS INSUMOS	PONTOS DE VENDA *	REALIZA BENEFICIAMENTO
OLERICULTURA ORGÂNICA	01	Na propriedade.	BOX 721 dos Orgânicos no CEASA	Não
		Mudas em Aguti – Nova Trento	Cooperativa de Nova Trento - Coopertrento	
	02	Produzem 50% sementes.	Feira	Não
		Mudas em Aguti – Nova Trento	BOX 721 dos Orgânicos no CEASA	
		Composto na propriedade.	Para feirantes	
			PNAE***	
			PAA***	
	03	Agropecuárias de Nova Trento	BOX 721 dos Orgânicos no CEASA	Não
		Mudas e composto na propriedade.	Cooperativa de Nova Trento -Coopertrento	
			PAA***	
OLERICULTURA CONVENCIONAL	01	Agropecuária Águas Mornas	Em casa ao consumidor	Não
		Agropecuária de Angelina	Supermercados	
			CEASA	
	02	Agropecuária Águas Mornas	Cooperativa de Nova Trento- Coopertrento	Não
		Mudas em Aguti – Nova Trento		
	03	Agropecuária Leoberto Leal	Cooperativa de Nova Trento- Coopertrento	Não
		Mudas em Aguti – Nova Trento	Em casa ao consumidor	
FUMICULTURA	01	Fumageira	Aliance One	Não
	02	Fumageira	Souza Cruz	Não
	03	Fumageira	Souza Cruz e Continental	Não
<p>* Ponto de venda em negrito: o ponto com as maiores vendas da unidade produtiva. ** Comprador ligado ao Instituto Biodinâmico *** Programas estaduais de compra de alimentos para alimentação escolar e organizações assistenciais.</p>				

A venda da produção dos agricultores não fumicultores se dá principalmente para cooperativas de agricultores (Coopertrento), direto ao consumidor final (na casa dos consumidores, na casa dos produtores ou em feiras) e para o Box dos Orgânicos (na CEASA), além das vendas para a merenda escolar e organizações assistenciais. Disto se vê que, além da diversidade produtiva, há uma importante diversidade comercial, o que gera uma maior autonomia de negociação de preços e condições pelos agricultores. De outro lado, isto não lhes dá a garantia de venda de seus produtos, estando mais suscetíveis às variações dos mercados. Como o tabaco também tem altas e baixas de preço, entretanto, o fato dos agricultores não fumicultores terem fontes variadas de renda lhes dá maiores garantias em contextos de preços desfavoráveis de uma ou outra atividade em particular.

Grande parte da produção destes agricultores é vendida individualmente e, sempre que não é vendida diretamente em sua propriedade, o transporte dos produtos fica a cargo do agricultor, ao contrário do que acontece com os fumicultores, nos quais a empresa fumageira busca o tabaco nas propriedades.

“Minha maior venda é direto nas casas, três anos eu servi para a merenda, e agora comecei a vender para o Box, no CEASA, e certamente deve continuar se der certo lá. Minha produção com certeza vai atender o BOX. Já forneci pra supermercado, mas não forneço mais. Maior parte hoje é pro BOX, individualmente”.

“[Vendo] pra todo lado um pouco. PAA é o segundo ano que a gente vendeu, PNAE só agora que a gente vendeu bem pouquinho coisa, quase nada. Vendemos para atravessador, compra coletiva, pessoas compram muito na porta. A pera é só atravessador e PAA. Pro BOX mandamos bem pouca coisa esse ano. Vendemos individualmente, é isso que deixa a gente mal, não tem como dizer, vamos fazer uma carga. Os filho é questão levando e entregando no BOX o pouco que a gente vende na semana”.

Os fumicultores foram questionados sobre se sentirem dependentes da indústria fumageira, na medida em que sua produção desde quando iniciada já é destinada a

alguma empresa, e é contratualizada. Eles afirmam que o fumo é a única atividade produtiva possível para a sua região, comentário que é repetido por muitos técnicos e lideranças locais, além dos empregados da fumageiras. Afirmam que a aptidão natural do território é para ao cultivo do tabaco, e que se a empresa fumageira não mais estivesse inserida em seus municípios teriam dificuldades de continuar agricultores e provavelmente iriam para a cidade em busca de outras atividades que gerassem renda: *“Se a fumageira sair da nossa região, pode dizer acabou. Pode abandonar, ir pra cidade e sentar na máquina de costura de segunda a sábado e dá-lhe, dá-lhe, dá-lhe. Eu, ao menos, avalio assim”*.

Ao supor que a fumageira apenas comprasse o fumo, e não prestasse mais nenhum tipo de assistência, o agricultor se manifesta:

“Ah, daí não podia plantar. Por que daí o dinheiro que sobra tu tem que comprar o insumo, daí com o que tu vai fazendo alguma coisa. Isso tem que ter, tem que ter o instrutor, os da AFUBRA e também tem o puxador de fumo, que também é uma pessoa que a gente sente garantia, porque do momento que o fumo tá no caminhão eles que são responsáveis”.

Um fumicultor discorda, e diz não se sentir dependente:

“Dependentes não, o cara não depende da empresa porque tem comprador de fumo, as outras empresas pegam o fumo, não é mais aquela coisa que nem anos atrás, se era de outra empresa não leva, comprador não aparecia. Hoje em dia, se uma firma não leva outra vem e leva, vai embora”.

Questionados se eles se sentem explorados, os três fumicultores concordam que se sentem, ou já se sentiram, explorados pela empresa fumageira no momento da venda e classificação do fumo: *“É, sente. Porque que nem aquela vez “nós mandemo” e ele passou tão mal ne? [em referência ao fumo mal classificado] A gente não fica contente. E isso foi esse ano, o ano passado... A gente espera que esse ano que vem eles paguem melhor”*.

“Eu não deixei eles me explorarem, mas tu sente umas beliscadinhas, uma coisa lá outra cá. Mas se não tiver fumo,

nós vamos plantar milho a vinte centavos a saca, plantar feijão pra oitenta reais a saca (...) se todo mundo fizer essas coisas, imagina como o preço vai ficar”.

“Há uns dez ou doze anos atrás, sim. Na época eu plantava pra Continental. A partir do momento que nós saímos pra Souza Cruz, não. Deu uma crise no fumo, a Souza Cruz manteve um preço que dava pra trabalhar bem, mas as outras empresas foram quebrando e o preço era muito baixo”.

A evidente maior diversidade de opções comerciais dos agricultores não fumicultores, em articulação com sua também maior diversidade produtiva contrasta com a especialização dos fumicultores. Isto não deve ser compreendido como indicador de que os agricultores não devam aperfeiçoar seus processos produtivos e especializar seus modos de produção. Aliás, ficou evidente nas páginas anteriores como alguns deles ampliam sua motomecanização para aliviar a carga de trabalho, ou demandam assistência técnica visando aperfeiçoar suas atividades. Entendemos, entretanto, que especialização e aperfeiçoamento não podem ser confundidos com dependência de qualquer uma empresa.

5. Comercialização e distância dos centros urbanos

Apesar de possuírem vários pontos de venda, a comercialização é considerada o principal gargalo para os agricultores não fumicultores e é apontada como uma das maiores dificuldades para o desenvolvimento de suas atividades. Depois da comercialização eles apontam como maiores limites a escassez de mão de obra e pouco recurso para novos investimentos. Observe-se que a escassez de mão de obra é mais intensamente apontada por aqueles que têm menos acesso e menores custos com maquinários, indicando que alguns já buscaram nestes a solução de parte de seu déficit de mão de obra. Aparece ali o que pode ser apontado como um círculo vicioso, pois estes também indicam a falta de recursos para investimentos, sem os quais não poderiam fazer a aquisição de maquinários e outros meios de produção. Outrossim, conforme demonstrado nas tabelas 02 e 03, é importante considerar que a presença de maquinários não garante necessariamente uma boa rentabilidade econômica, visto que

os casos estudados revelam que para atividade e área de terra semelhantes é possível haver custos muito variados.

Em contraponto, para os fumicultores, a garantia de comercialização dada pela empresa fumageira é considerada a segunda principal vantagem da atividade, seguida pelo seguro agrícola. A renda é considerada pelos produtores como a maior vantagem da atividade.

Um dos fumicultores, que já trabalhou com olericultura, exemplificou a dificuldade na venda de hortaliças em comparação à venda do fumo:

“O fumo se é branco ou se é preto, vai tudo. Já a verdura é uma coisa desgraçada, não é assim! Se tem uma cabeça de repolho que o bichinho comeu um pouco, já não vai mais, que o povo é muito luxento. Se ele viu uma coisinha um pouquinho diferente ali já não quer mais porque é feio, tá estragado. O desperdício é muito grande”.

Um aspecto determinante durante o processo de comercialização é a distância da unidade produtiva até o local em que o produto será comercializado. Este pode ser um elemento que inviabiliza uma venda, pelo alto custo do transporte, especialmente se não houver uma ação coordenada entre os produtores. Os gráficos 02 e 03 mostram as distâncias das unidades produtivas até o centro do município a que pertencem, e as distâncias até o centro de outro município mais próximo.

Gráfico 2: Distâncias entre unidades produtivas e o centro do seu município.

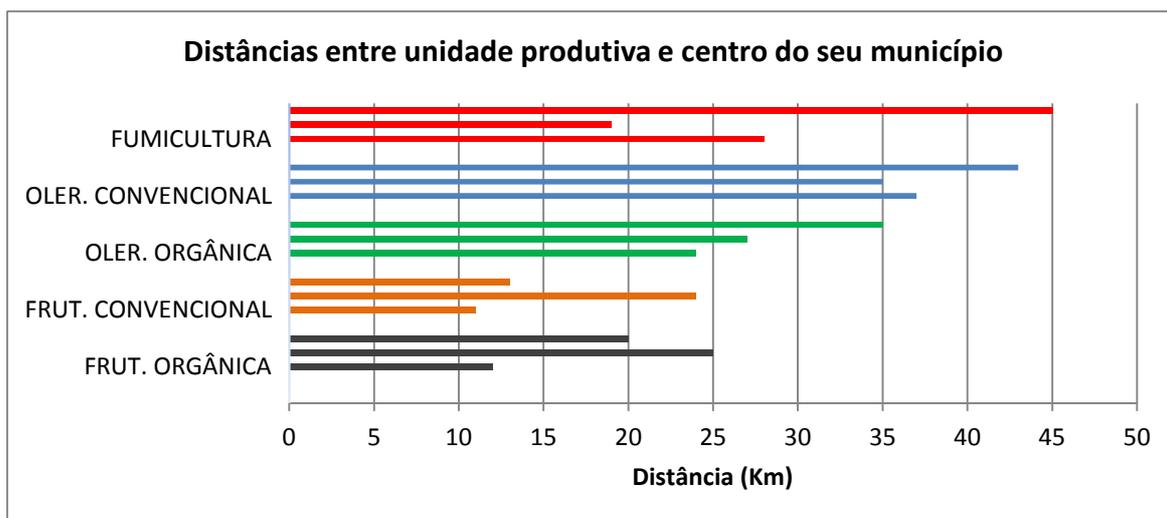
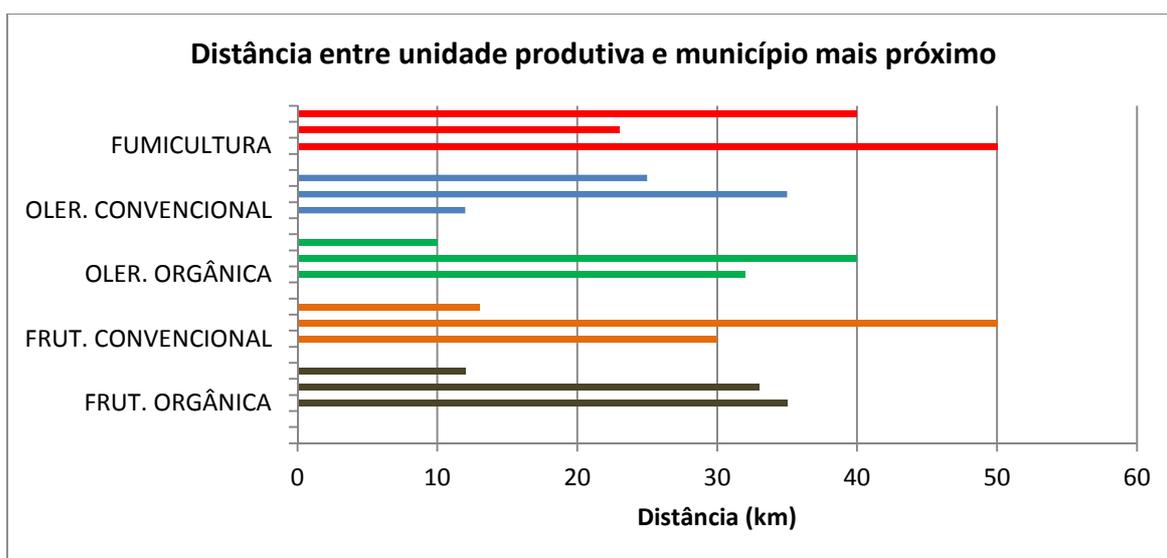


Gráfico 3: Distância entre unidade produtiva e municípios mais próximos.



Fonte: Dados de campo

Os gráficos 02 e 03 mostram que as unidades produtivas mais afastadas dos centros urbanos são aquelas dos fumicultores. Para estas famílias, que vivem em pontos mais distantes dos centros urbanos, este pode ser um elemento de entrave no processo de diversificação produtiva, uma vez que provavelmente elas teriam mais dificuldades em escoar a produção e eventuais custos de produção mais elevados. Esta afirmação faz sentido quando se pensa num agricultor isolado, não cooperado e que não constrói com seus pares ganhos de escala por cooperação. Realidade como aquela vista na mesma microrregião, onde os agricultores agroecológicos se organizam em

rede e promovem seus interesses coletivos pode ser uma alternativa viável. Tal viabilidade, é certo, dependeria de uma articulação e governança territorial mais efetiva, que visasse promover efetivamente a diversificação das áreas de produção e/ou a substituição dos cultivos de tabaco.

A criação do Box Orgânicos Florianópolis, como um espaço de comercialização dos produtos dos agricultores familiares e suas organizações, foi valorizada por vários agricultores, sejam aqueles com certificados orgânicos ou em processo de conversão para a produção orgânica. Os mesmos vêm neste espaço uma importante aposta para organização da comercialização, visando suplantar limites de distâncias, custos de transporte e garantia de espaços para venda.

6. Satisfação com a atividade e renda

Todos os entrevistados foram questionados sobre a satisfação em relação às suas atividades produtivas, e quais são as sugestões para melhorar o desempenho de suas propriedades, conforme exposto no quadro 03.

Os olericultores orgânicos foram unânimes em declarar satisfação, sugerem melhorias para atividade como assistência técnica para a produção, apoio na comercialização e no aumento da quantidade de produtos ofertados.

Já os olericultores convencionais não estão satisfeitos, especialmente em função dos baixos preços praticados na CEASA, assim como da oscilação de preço e mercado ao longo do ano.

Dos fruticultores orgânicos, dois estão satisfeitos com a atividade e esperam melhorar infraestrutura e quantidade produzida para potencializar a renda. O terceiro, por sua vez, destaca que não está satisfeito em função da falta de mão de obra e da baixa remuneração que até o momento atingiu.

Entre os fruticultores convencionais um fruticultor está satisfeito com a renda, sua produção é principalmente vendida para o consumidor final, e assim consegue determinar o preço do produto. Já os outros dois indicam entraves relacionados à comercialização, assim como quanto à produção, que é baixa para compensar o

beneficiamento dos produtos. Estes também se referem à falta de recursos para investir em infraestrutura que minimize as oscilações climáticas.

Os fumicultores declararam estar satisfeitos com a atividade, tendo como argumento principal a renda que obtém. Durante a entrevista não houve acordo nos pontos de vista de um casal, de uma família. Para o marido há satisfação na atividade, pois a renda sempre foi boa. Para a esposa, o trabalho do tabaco é muito penoso.

Quadro 03: Satisfação dos agricultores em relação a sua atividade agrícola.

Atividade	Sim	Não	Opinião
Olericultores Orgânicos	1,2 e 3		1 “Sim, os valores são favoráveis. Mas ainda não conseguimos em larga escala, viemos pra cá fim de ano, ainda não conseguimos fazer uma plantação, assim maior”. 2 “Sim, porque a gente trabalha com amor ao que faz, ne? Pra nos seria bom se tivesse um técnico que estivesse fazendo umas visitas ne?”. 3 “Deu essa crise no BOX que não era esperado ne? Mas no resto, assim, eu acho que se nós tiver produto pra ofertar, eles também têm como vender. A questão ali, de melhorar o negócio, eu acho que vai sair de nós mesmo”.
Olericultores Convencionais	3	1 e 2	1 “Não estou. Pra melhorar tem que ter preço fixo lá no CEASA, no mínimo pra ser justo”. 2 “Não. Primeiro lugar precisa ter mercado pra isso, mercado mais garantido”. 3 “Sim, mas a variação do preço no ano é ruim”.
Fruticultores orgânicos	1e 2	3	1 “Pra melhorar tinha que produzir mais, aumentar a produção.(...) Depende do clima”. 2 “Eu tô. A minha melhor expectativa de melhorar, era se saísse essa nossa fábrica de sucos, da cooperativa, do nosso grupo”. 2 “Mais ou menos. Falta mão de obra, porque eu não posso trabalhar. Mas falta mão de obra, por causa de alguma outra coisa. Se a renda fosse boa não ia faltar mão de obra, não chegou a compensação para quem trabalha”.
Fruticultores convencionais	1	2 e 3	1 “Olha a uva! Tô satisfeita. A bergamota que a gente vende em caixa, pra Itajaí, podia ser um preço melhor, mas enche muito. .Vem muita bergamota de fora, ne? Ele diz que no CEASA mesmo não tem saída”. 2 “Razoável, precisava irrigação, a renda varia em função do clima, que tem que estar bom”. 3 “A renda não está boa. Eu beneficio minha produção, e a renda está insuficiente, preciso aumentar minha produção”.
Fumicultores	1 e 3	2	1 “Sim, né? Às vezes não dá que chega (a renda) mas a gente arrecada um pouquinho daqui e pouquinho de lá né”. 2 “Sim e não (marido e mulher).Sim: a renda é garantida, toda vida foi. Não: é muito sofrido”. 3 “Sim, porque tudo que nós temos hoje nos conseguimos com dinheiro do fumo. Se fosse depender de outras coisas, nós nem a terra nós tinha pago”.

CONCLUSÕES

Este projeto de pesquisa teve por objetivo inicial comparar resultados econômicos entre a fumicultura, a olericultura e a fruticultura, praticadas por agricultores familiares da região Litoral Catarinense. Além do objetivo inicial, se avançou para a análise de outros elementos, como a motivação dos agricultores para sair ou permanecer no fumo; sua autonomia nos processos produtivos, organizativos e comerciais; e o potencial das demais atividades para uma efetiva alternativa ao fumo.

Verificou-se que as motivações para agricultores que já produziram tabaco migrarem para outras atividades estão vinculadas a problemas de saúde causados pelo fumo, à forte exigência de mão de obra da atividade, assim como a necessidade de investir em outras atividades para evitar instabilidades na renda com o fumo. Por sua vez, a motivação para aqueles que mantêm o cultivo do tabaco se concentra fortemente na renda obtida com a atividade.

Dentre as atividades comparadas, ficou evidente a maior especialização entre os fumicultores, na medida em que eles concentram no fumo sua atividade comercial e pouco produzem de outras culturas para o abastecimento familiar. As atividades para o abastecimento das famílias agricultoras são um importante componente de renda não monetária, visto que eles não precisariam gastar para se alimentarem. As empresas fumageiras têm um histórico de exigência de seus integrados quanto à especialização na produção do fumo, e esta cultura demanda muita mão de obra no período da safra. Estes são importantes limitantes para diversificação das atividades nas unidades de produção, sejam elas com fins monetários ou não.

O estudo identificou que há famílias que diversificam o conjunto das atividades produtivas, incluídas aquelas para autoabastecimento, e que há aquelas cuja diversificação é maior em atividades com fins comerciais. Estas famílias revelaram se sentirem mais estáveis quanto à renda, na medida em que a queda de preço ou baixa produtividade de alguma atividade possa ser compensada pelos resultados econômicos de outra/s.

Captar as rendas diversificadas de uma mesma unidade de produção não estava entre os objetivos desta pesquisa, o que prejudicou a análise da renda das famílias

mais diversificadas. O conjunto da renda de cada família não pôde ser comparado com as rendas das demais, já que o estudo se concentrou em estudar a renda de algumas atividades. Se, de um lado, a pesquisa que realizamos permitiu clarear várias diferenças entre as unidades familiares de produção estudadas, de outro evidenciou este limite ao não captar as rendas diversificadas do conjunto das unidades de produção. Serve esta percepção como evidencia da necessidade de aprofundar estudos sobre as rendas diversificadas dos agricultores familiares não fumicultores, já que este é um importante diferencial entre eles.

A diversidade comercial dos agricultores não fumicultores lhes deu maior autonomia de negociação de preços e condições de venda. Por outro lado, eles estão mais suscetíveis às variações dos mercados, enquanto os fumicultores apontam a venda garantida como uma das principais vantagens. A maior diversidade de opções comerciais dos agricultores não fumicultores, em articulação com sua também maior diversidade produtiva, contrasta com a especialização dos fumicultores. Há aqui duas situações extremas, que não pretendem indicar que não haja fumicultores que diversificam atividades, ou que os demais agricultores não busquem se especializar ou aperfeiçoar. A demanda dos não fumicultores por assistência técnica, seu crescente investimento em maquinários, sua demanda por crédito e por qualificação dos espaços de comercialização indicam seu desejo de se aperfeiçoar e qualificar sua produção e renda.

Ainda ligado à renda, outro elemento evidenciado por esta pesquisa foi a grande variação, entre as unidades de produção estudadas, das rendas líquidas por hectare das atividades. Além da variação entre as diferentes atividades, houve grandes variações entre as diferentes propriedades que desenvolvem uma mesma atividade, e entre os diferentes modos de produção, orgânico ou convencional. As causas destas variações são tanto internos a cada unidade de produção, quanto contextuais do território estudado.

As diferenças de renda entre as propriedades de fumo são identificadas pelos produtores como devidas às variações nas formas de conduzir a atividade por parte de cada unidade de produção. Isto faz muito sentido, porque nestes casos as empresas garantem suporte técnico e compra do produto final, além de já possuírem canais para financiamento da atividade.

Carência de assistência técnica, de suporte para investimentos ou de acesso a canais favoráveis de comercialização são os principais fatores contextuais verificados, os quais estão diretamente ligados aos agricultores não fumicultores. Dentre eles, os que produzem de modo orgânico apresentam como principal dificuldade o conhecimento e aplicação de técnicas agroecológicas rentáveis. A falta de suporte, seja técnico, de crédito ou de mercado, é evidente nestes casos, fazendo com que muitos dos resultados de cada unidade de produção dependam dos conhecimentos e habilidades específicas de cada agricultor.

Vale destacar que no contexto da grande variação entre rendas líquidas estão unidade de produção que trabalham com olericultura, seja convencional ou orgânica, com importantes rendas líquidas por hectare. Acredita-se que uma efetiva vontade de produzir um ambiente para diversificar atividades e gerar alternativas ao fumo deveria considerar este fato. Um bom ponto de partida seria produzir estudos que aprofundassem a compreensão dos casos de sucesso, acompanhados de ações que auxiliassem a disseminação das boas práticas destes casos. É certo que, para tanto, suportes de assistência técnica, crédito e comercialização seriam centrais, visto serem estes, junto com a restrição de mão de obra, os pontos indicados como limites para uma maior diversificação.

Para além da renda/ha das atividades estudadas, considera-se importante ponderar que as famílias têm outros custos, não contabilizados neste estudo, que tem haver com sua saúde e alimentação. Os danos causados pelo tabaco à saúde dos consumidores e produtores, e a elevada especialização da atividade, impedindo os agricultores de produzirem seus próprios alimentos, são entraves que merecem destaque na fumicultura. Este estudo evidenciou que os gastos das famílias fumicultoras com alimentação são muito maiores que as demais. A maior diversificação de atividades dos agricultores não fumicultores lhes permite uma renda não monetária, além de maior segurança alimentar.

Por fim, merece destaque que as unidades produtivas mais afastadas dos centros urbanos são aquelas dos fumicultores. A garantia de comercialização é um elemento chave para estes agricultores permanecerem ligados às empresas fumageiras, uma vez que sua localização impõe dificuldades em escoar a produção, além de eventuais custos de produção mais elevados. Agricultores nesta condição, se não

superarem seu isolamento espacial através de dinâmicas de cooperação e redes sócio-organizativas, terão muitas dificuldades em gerar alternativas eficazes à produção do tabaco. Acredita-se que, para estes casos, o exemplo dos agricultores agroecológicos que se organizaram e promoveram seus interesses coletivos através da Rede Ecovida de Agroecologia é uma alternativa viável. Certamente, tal alternativa também não se viabilizaria por si própria, e dependeria de um suporte e governança territoriais, que tivessem o claro propósito de promover alternativas ao cultivo de tabaco.

O objetivo de promover uma transição nos termos demonstrados neste estudo não seria possível por simples processos burocráticos ou tecnocráticos, sem um efetivo envolvimento e participação dos agricultores e demais atores sociais interessados. A pesquisa evidenciou que um enfoque apenas setorial (agrícola) ou mudanças apenas individuais (em cada unidade de produção), não dariam conta de tal propósito. Tal objetivo exigiria ações ao mesmo tempo técnicas, organizativas, mercantis e políticas, tanto nas unidades de produção, com as famílias agricultoras, quanto no território local.

REFERÊNCIAS

BOEIRA, S. L.; GUIVANT, J. S. Indústria De Tabaco, Tabagismo E Meio Ambiente: As Redes Ante Os Riscos. In: **Cadernos de Ciência e Tecnologia**. Vol.20, 2003. Disponível em: < <http://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/view/8734/4913>> Acesso em: Julho de 2013.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Instrução normativa nº 46, de 6 de outubro de 2011.

BRASIL, Ministério da Saúde. Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco. Rio de Janeiro, 2012.

EPAGRI/CEPA, Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola. Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 2012-2013. Florianópolis, 2013.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Senso Demográfico, 2010.

PIAZZA, Walter F. **A Colonização de Santa Catarina**. BRDE: Florianópolis. 311 p. 1982.

QUIVY, R.; CAMPENHOULDT, L. V. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa: Gradiva, 1995. 275 p.

ROVER, O, J. Agroecologia, mercado e inovação social: O caso da Rede ecovida de Agroecologia, **Revista Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 47, n.1, p. 56-63, 2011.

ROVER, O; LAMPA, F. Rede Ecovida de Agroecologia: articulando trocas mercantis com mecanismos de reciprocidade. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 22-25, 2013.

WHO, World Health Organization. WHO report on the global tobacco epidemic: Enforcing bans on tobacco advertising, promotion and sponsorship. Luxembourg, 2013. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/85380/1/9789241505871_eng.pdf

ZOLDAN, P.C.; MIOR, L.C. Produção orgânica na agricultura familiar de Santa Catarina. Florianópolis: Epagri, 2012. 94p. (Epagri. **Documentos**, 239).

APÊNDICES

APÊNDICE 01: Roteiro de inventário para as unidades de produção

Roteiro para Inventário de Propriedades Rurais					
Produtor (nome ou número de identificação)					
Localização da propriedade:					
Tamanho da Propriedade:					
Distância do Centro da Cidade:					
Fator de Produção TERRA:					
Ocupação da propriedade:	Área	Valor estimado			
Mata Nativa		?			
Capoeira		?			
Pastagem Nativa					
Pastagem Plantada					
Rios		?			
Açudes					
Acessos					
<u>Culturas Comerciais</u>	<u>Área ocupada</u>	<u>Valor da Cultura</u>			
Fumo					
Milho					
Pomar					

Hortaliças					
Reflorestamento					
<u>Culturas "domésticas"/consumo</u>	<u>Área ocupada</u>	<u>Valor da Cultura</u>			
Frutas					
Horta					
<u>Arrendamentos (?)</u>	<u>Área arrendada de 3°</u>	<u>Valor do arrendamento</u>			
-	-	-			
-	<u>Área arrendada para 3°</u>	<u>Valor do arrendamento</u>			
<i>Área não utilizada (ha)</i>					
<i>APP e reserva legal (ha)</i>					
<i>Outros</i>					
Fator de produção CAPITAL					
Instalação Elétrica	(descrição, monofásica, difásica, trifásica...)				
<u>Edificações</u>	<u>Maderia</u>	<u>Alvenaria</u>	<u>Outro Material</u>	<u>Tipo de cobertura (?)</u>	<u>Ano de Construção</u>
Casa					
Galpão					
Depósito					
Silo					
Estrebaria					
Chiqueiro					

Galinheiro					
Cisterna					
Sala de Ordenha					
<u>Máquinas</u>	<u>Ano fabricação</u>	<u>Modelo</u>	<u>Potência</u>	<u>Vida útil</u>	<u>Valor Inicial</u>
Veículo próprio					
Moto					
Caminhão					
Trator					
Implementos					
Forageira					
Carroça					
Ferramentas					
Motobomba					
Roçadeira					
Motossera					
Maquina de Ordenha					
Resfriador					
CAPITAL "ESTOQUE"	Quantidade	Valor			
Adubo organico					
Adubo sintetico					
Sementes					
Silagem					
Agrotóxicos					
Embalagens					
Medicamentos					
Produtos de Limpeza (leite)					

Bandejas					
Ração					
Arame					
Sal Mineral					
Material de Construção					
COLHEITA PENDENTE	Valor Total				
Culturas ...					
<i>Animais</i>	<i>Quantidade</i>	<i>Idade</i>	<i>Valor Estimado</i>		
Vaca					
Boi					
Novilha					
Touro					
Aves					
Suínos					
Fator de produção Mão de Obra	Nº horas	Dias da semana			
<i>Mão de obra da família</i>					
<i>Mão de Obra Contratada</i>					
Contas a receber	Data vencimento	Valor			
Contas a pagar	Data do Vencimento	Valor			

APÊNDICE 02: Modelo de controle de entradas e saídas financeiras utilizado com as famílias

Controle de entradas financeiras da propriedade

(venda de produto, pagamento por serviço de alguém da família, aposentadoria, pensão)							
Ano	Mês	Dia	O que você vendeu?	Quanto você vendeu?	Quanto você recebeu pela venda?	Número da nota/ recibo	Alguma observação ou dúvida?

Controle de saídas financeiras da propriedade (compras, pagamentos, empréstimos)

Ano	Mês	Dia	Com o que você gastou?	Qual foi a quantidade de produto?	Qual foi a quantidade de dinheiro gasta?	Onde vai usar?	Número da Nota/recibo	Alguma observação ou dúvida?